www.revistaft.com.br

Revista FT | ISSN 1678-0817 | v. 30, n. 164, 2026 | DOI: 10.69849/m35x8j55

Uso indiscriminado de psicoestimulantes por adultos jovens e potenciais impactos à saúde: uma revisão integrativa

Indiscriminate use of psychostimulants by young adults and potential health impacts: an integrative review

Natália Thaís Lima Alencar[1]
Raianne Vivian da Silva Marinho[2]
Layanne Cavalcante de Moura[3]
Magda Rogéria Pereira Viana[4]
Maurílio Batista Lima[5]

Resumo

Os psicoestimulantes atuam sobre a dopamina e a noradrenalina no sistema nervoso central, promovendo maior estado de alerta e motivação. Entretanto, seu uso indiscriminado para aprimoramento cognitivo, sem acompanhamento profissional, pode ocasionar prejuízos físicos e psicológicos, evidenciando a necessidade de medidas preventivas. Nesse contexto, teve como objetivo analisar o uso indiscriminado de psicoestimulantes por adultos jovens e seus potenciais impactos à saúde. Trata-se de uma revisão integrativa, cuja busca bibliográfica foi realizada nas bases de dados *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online*, Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde e *Scientific Electronic Library Online*, utilizando descritores controlados dos vocabulários *Medical Subject Headings* e Descritores em Ciências da Saúde. Os dados foram analisados por meio de síntese descritiva e comparativa. A amostra final foi composta por 10 estudos, publicados entre 2022 e 2026. As substâncias investigadas compreenderam desde estimulantes lícitos de amplo acesso, como cafeína e bebidas energéticas, até medicamentos sujeitos a controle especial, como modafinila, metilfenidato e lisdexanfetamina, além de substâncias ilícitas, como cocaína e metanfetamina. O consumo indiscriminado esteve associado à sobrecarga da rotina, à busca por melhor desempenho acadêmico, à elevada carga horária de trabalho, às

[1] Acadêmica de Medicina pela Faculdade CET, E-mail: nataliathaislima@outlook.com
[2] Acadêmica de Medicina pela Faculdade CET, E-mail: raiannevivian@hotmail.com
[3] Mestre em Saúde da Mulher, E-mail: layannecavalcante@hotmail.com
[4] Doutora em Engenharia Biomédica
[5] Especialista em Psiquiatria

múltiplas tentativas de ingresso no ensino superior e ao uso prévio de substâncias psicoativas. Entre os principais impactos à saúde, destacaram-se inapetência, taquicardia, agitação psicomotora, ansiedade e depressão. A privação do sono também foi relacionada ao uso compensatório de benzodiazepínicos e medicamentos indutores do sono, utilizados para reduzir o estado de hiperalerta. Além disso, o consumo esteve associado à menor prática de atividades físicas e foi identificado como possível fator preditivo para o uso de substâncias ilícitas na vida adulta. Conclui-se que o uso indiscriminado de psicoestimulantes por adultos jovens está associado a importantes repercussões físicas e psicológicas, evidenciando a necessidade de estratégias preventivas, educação em saúde e acompanhamento adequado dessa população.
Palavras-chave: Estimulantes do sistema nervoso central; Uso indevido de medicamentos; Automedicação; Adulto jovem.

Abstract

Psychostimulants act on dopamine and norepinephrine in the central nervous system, promoting increased alertness and motivation. However, their indiscriminate use for cognitive enhancement without professional supervision may lead to physical and psychological harm, highlighting the need for preventive measures. In this context, this study aimed to analyze the indiscriminate use of psychostimulants among young adults and their potential health impacts. This integrative literature review was conducted through bibliographic searches in the Medical Literature Analysis and Retrieval System Online, Latin American and Caribbean Health Sciences Literature, and Scientific Electronic Library Online databases, using controlled descriptors from the Medical Subject Headings and Health Sciences Descriptors vocabularies. Data were analyzed through descriptive and comparative synthesis. The final sample comprised 10 studies published between 2022 and 2026. The substances investigated ranged from widely accessible legal stimulants, such as caffeine and energy drinks, to controlled medications, including modafinil, methylphenidate, and lisdexamfetamine, as well as illicit substances, such as cocaine and methamphetamine. Indiscriminate use was associated with demanding daily routines, the pursuit of improved academic performance, heavy workloads, repeated attempts to gain admission to higher education, and previous psychoactive substance use. The main health impacts included loss of appetite, tachycardia,

psychomotor agitation, anxiety, and depression. Sleep deprivation was also associated with the compensatory use of benzodiazepines and sleep-inducing medications to reduce heightened alertness. Furthermore, psychostimulant use was associated with reduced physical activity and was identified as a potential predictor of illicit substance use in adulthood. It is concluded that the indiscriminate use of psychostimulants among young adults is associated with significant physical and psychological consequences, highlighting the need for preventive strategies, health education, and appropriate healthcare support for this population.

Keywords: Central nervous system stimulants; Prescription drug misuse; Self medication; Young adult.

Introdução

Os psicoestimulantes são substâncias que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC), promovendo aumento do estado de alerta, da vigília, da atenção e do desempenho cognitivo. Seus efeitos decorrem principalmente da modulação de neurotransmissores envolvidos nos circuitos de recompensa e regulação do comportamento, sobretudo dopamina e noradrenalina, e, em menor grau, serotonina, favorecendo maior motivação, concentração e sensação de bem-estar (Mezacasa Júnior *et al.*, 2021).

Entre os principais psicoestimulantes utilizados no Brasil incluem-se tanto substâncias farmacológicas quanto estimulantes amplamente disponíveis no cotidiano. No âmbito terapêutico, destacam-se metilfenidato, modafinil, piracetam e anfetaminas, empregados no tratamento do Transtorno Do Déficit De Atenção e Hiperatividade (TDAH), narcolepsia e outros distúrbios do sono. Paralelamente, observa-se amplo consumo de cafeína e bebidas energéticas, sobretudo entre jovens e estudantes. No contexto recreativo, também se identifica o uso de metilenodioximetanfetamina, conhecida como ecstasy (Grando *et al.*, 2023).

Conforme Parlatini *et al.* (2024), nos últimos anos, estudos têm demonstrado aumento expressivo do uso de psicoestimulantes entre jovens adultos conforme. Nos Estados Unidos, estimou-se que 7,5% dos adultos utilizaram estimulantes prescritos no último ano, dos quais 25,3% relataram uso indevido e 9,0% apresentaram transtorno por uso, com maior prevalência entre indivíduos de 18 a 25 anos (Han *et al.*, 2025). No Brasil, Moreira *et al.* (2024) identificaram prevalência de 21% de consumo dessas substâncias, sendo o metilfenidato o

fármaco mais frequentemente utilizado dentro de uma população de universitários da área da saúde.

Do ponto de vista neurobiológico, os psicoestimulantes atuam principalmente pela modulação da neurotransmissão catecolaminérgica no SNC, especialmente nos sistemas dopaminérgico e noradrenérgico (Han *et al.*, 2025; London, 2025). Fármacos como metilfenidato e anfetaminas inibem os transportadores de dopamina e noradrenalina, reduzindo sua recaptação e aumentando a concentração desses neurotransmissores na fenda sináptica. Como consequência, ocorre intensificação da transmissão neural em circuitos relacionados à atenção e ao controle executivo (Parlatini *et al.*, 2024).

Em concentrações mais elevadas, essas substâncias também podem estimular a liberação de dopamina, ampliando a atividade dopaminérgica. Esse processo favorece a ativação do córtex pré-frontal e de circuitos do sistema mesolímbico, estruturas diretamente relacionadas aos mecanismos de motivação e recompensa (Szabadi, 2025; London, 2025).

Nesse contexto, tem-se observado crescimento do uso dessas substâncias com finalidade de aprimoramento cognitivo, particularmente no ambiente universitário. Estudos conduzidos no Brasil indicam que fatores como elevada carga de estudos, competitividade acadêmica e pressão por desempenho estimulam a busca por substâncias capazes de aumentar a concentração e prolongar o tempo dedicado às atividades acadêmicas, tornando os estudantes um grupo particularmente vulnerável ao uso não médico desses fármacos (Silva; Caldeira, 2020; Braz *et al.*, 2022).

Entretanto, a ampla disponibilidade de psicoestimulantes e sua crescente aceitação social têm suscitado preocupações quanto aos potenciais impactos à saúde. Embora apresentem indicações terapêuticas bem estabelecidas, o consumo não médico, frequentemente realizado sem supervisão profissional, tem se tornado cada vez mais frequente. Tal prática pode estar associada a efeitos adversos físicos, como complicações cardiovasculares, alterações do sono e do apetite, bem como a repercussões psíquicas, incluindo ansiedade, irritabilidade, dependência e alterações de humor (Vasconcelos *et al.*, 2023).

As estratégias de prevenção tornam-se fundamentais para reduzir o uso indiscriminado de psicoestimulantes. Nesse sentido, ações educativas no ambiente universitário voltadas à conscientização sobre os riscos do consumo sem orientação médica mostram-se relevantes. Paralelamente, destaca-se o papel da Atenção Primária à Saúde (APS) na identificação precoce de comportamentos de risco, na orientação da população e no acompanhamento adequado dos usuários. A educação em saúde associada ao suporte psicológico pode

contribuir para reduzir a busca por essas substâncias como estratégia de enfrentamento das demandas acadêmicas e profissionais (Lima; Sousa, 2021; Moreira *et al.*, 2024).

Diante dessa realidade, torna-se necessário ampliar a compreensão científica acerca do consumo não médico de psicoestimulantes entre adultos jovens e de seus potenciais riscos à saúde. A realização deste estudo se justifica porque as evidências sobre o tema estão dispersas em investigações com diferentes delineamentos, populações e contextos. Elas envolvem desde substâncias de amplo acesso até medicamentos sujeitos a controle especial e drogas ilícitas, o que dificulta uma visão integrada do fenômeno. Além disso, os adultos jovens vivem uma fase de transição marcada por elevadas exigências acadêmicas e profissionais, o que os torna especialmente expostos ao consumo sem orientação médica e às suas consequências a curto e a longo prazo. Reunir e sintetizar esses achados pode, portanto, ajudar profissionais de saúde, instituições de ensino e gestores a planejar estratégias de prevenção, educação em saúde e identificação precoce de comportamentos de risco, sobretudo no âmbito da APS.

Nesta perspectiva, o presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de revisão integrativa da literatura, o uso indiscriminado de psicoestimulantes por adultos jovens e seus potenciais impactos à saúde. Para isso, buscou-se identificar as substâncias utilizadas, os fatores associados ao consumo e as principais repercussões físicas, psicológicas e comportamentais descritas nos estudos.

Métodos

Trata-se de uma revisão integrativa, fundamentada no percurso metodológico de Mendes, Silveira e Galvão (2008). O processo organizou-se em seis fases distintas: identificação do tema e pergunta de pesquisa; estabelecimento de critérios para busca e seleção amostral; coleta de dados e categorização; avaliação crítica do corpus bibliográfico; discussão dos achados e, por fim, a sistematização do conhecimento. Adicionalmente, o planejamento e o relato desta pesquisa alinharam-se às recomendações do protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA 2020) (Page *et al*., 2022).

A questão foi estruturada com base no acrônimo PICO, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Estratégia PICO

Elemento	Definição
P (População)	Adultos jovens (18 a 30 anos)
I (Intervenção/Exposição)	Uso não médico ou indiscriminado de psicoestimulantes
C (Comparação)	Indivíduos sem uso ou com uso médico supervisionado
O (Desfechos)	Impactos à saúde física e mental, incluindo dependência, alterações cardiovasculares, distúrbios do sono, ansiedade, depressão e outros efeitos adversos

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

A partir dessa estratégia foi elaborada a seguinte questão norteadora: "Quais são os potenciais impactos à saúde associados ao uso indiscriminado de psicoestimulantes entre adultos jovens?"

Foram incluídos estudos publicados entre 2020 e 2026, disponíveis nos idiomas português e inglês, que investigaram o uso não médico ou indiscriminado de psicoestimulantes em adultos jovens e que relacione seus possíveis impactos à saúde. Foram elegíveis estudos observacionais e de intervenção que apresentassem dados relacionados à prevalência, fatores associados ou consequências do consumo dessas substâncias.

Optou-se pela inclusão de indivíduos na faixa dos 18 aos 30 anos, fundamentada nas diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS), que conceitua a transição para a idade adulta jovem a partir dos 20 anos até os 24 anos (WHO, 2024), somada ao Estatuto da Juventude do Brasil, em que a população jovem é legalmente classificada na faixa de 15 a 29 anos (Brasil, 2013).

Foram excluídas revisões narrativas e integrativas, relatos de caso isolados, cartas ao editor, editoriais, diretrizes clínicas, estudos realizados exclusivamente com populações pediátricas ou idosos, bem como estudos que não apresentassem dados relacionados ao uso não médico de psicoestimulantes.

A busca bibliográfica ocorreu na *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE/PubMed), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando os descritores controlados provenientes dos *Medical Subject Headings* (MeSH) e Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "*Psychostimulants*", "*Central Nervous System Stimulants*", "*Nonmedical Use*", "*Substance Misuse*", "*Young Adults*", "*Cognitive Enhancement*", "*Health Effects*", bem como seus equivalentes em português: "psicoestimulantes", "estimulantes do sistema nervoso central", "uso não médico", "uso indiscriminado", "adultos jovens" e "impactos à saúde". Esses foram combinados por meio do operador booleano AND.

A seleção dos artigos ocorreu em duas fases: 1) leitura dos títulos e resumos; e 2) leitura integral dos estudos. Este processo foi realizado por dois revisores independentes.

Os dados extraídos foram dispostos em planilha padronizada com as seguintes variáveis: autor, ano de publicação, país, desenho metodológico, tamanho da amostra, faixa etária da população estudada, tipo de psicoestimulante utilizado, fatores associados ao consumo e principais impactos à saúde relatados.

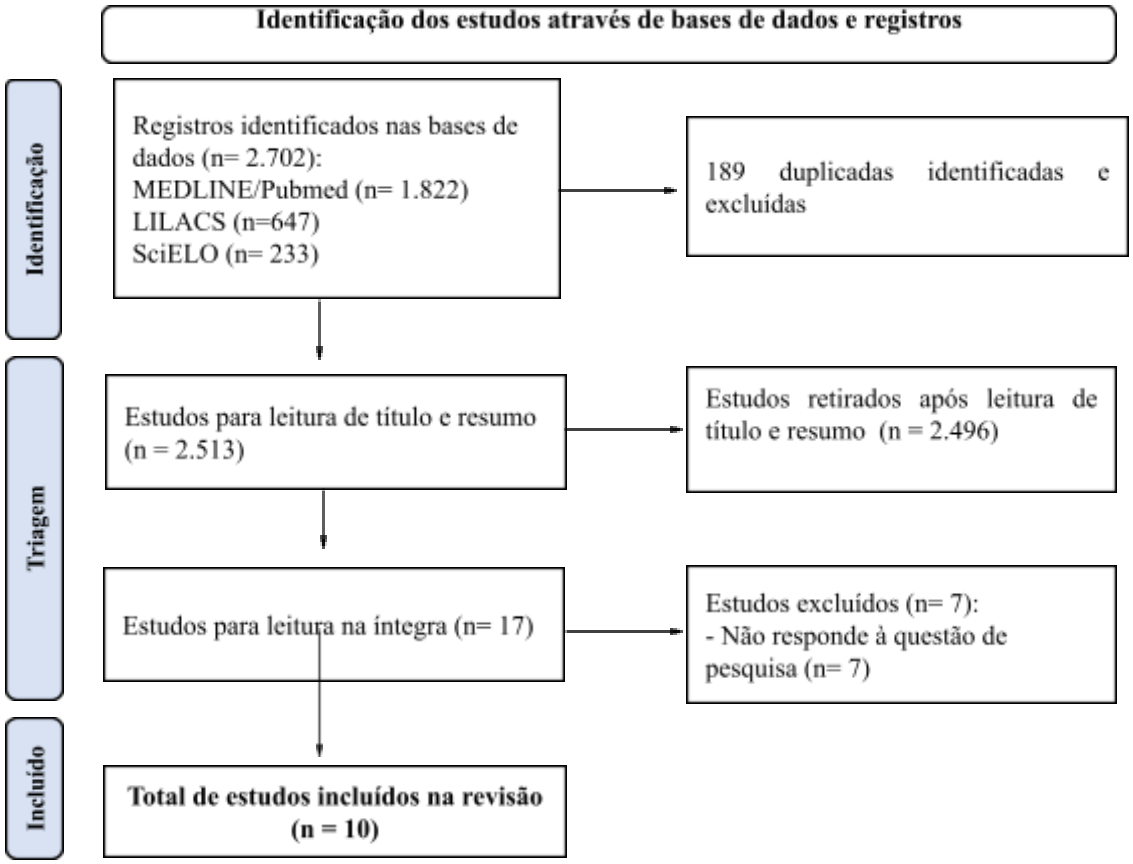
Os dados foram analisados por meio de síntese descritiva e comparativa das evidências, com apresentação dos principais achados em quadros para melhor visualização dos resultados.

Ressalta-se que por se tratar de uma revisão sistemática baseada em dados secundários disponíveis na literatura científica, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sendo respeitados os princípios de integridade científica e direitos autorais.

Resultados e Discussão

A busca inicial nas bases de dados resultou na identificação de 2.702 registros, distribuídos no MEDLINE/Pubmed (n = 1.822), LILACS (n = 647) e SciELO (n = 233). Após a identificação e exclusão de 189 duplicadas, 2.513 estudos foram submetidos à triagem por meio da leitura de títulos e resumos, etapa na qual 2.496 artigos foram retirados. Dos 17 estudos elegíveis para a leitura do texto na íntegra, 7 foram excluídos por não responderem à questão de pesquisa desta revisão. Assim, a amostra da presente revisão foi composta por 10 artigos. A Figura 1 descreve o processo de seleção dos estudos incluídos na revisão.

Figura 1- Fluxograma do processo de seleção dos estudos primários incluídos na revisão integrativa de acordo com o PRISMA.



Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

A amostra final foi composta por 10 estudos, publicados entre os anos de 2022 e 2026, conduzidos nos Estados Unidos (n=4), Brasil (n=4), Argentina (n=1) e Chile (n=1). Quanto ao delineamento metodológico, prevaleceram os estudos transversais (n=7), acompanhados por estudos de coorte (n=2) e um estudo não experimental (n=1). Em relação ao tamanho amostral das investigações, observou-se um valor mínimo de 88 estudantes e um valor máximo que atingiu a marca de 16,1 milhões de indivíduos. O quadro 1 apresenta as características dos estudos incluídos.

Quadro 1 – Características gerais dos estudos incluídos.

Autores (ano)/ País	Desenho metodológico	Amostra
Pawson; Kelly (2022) / Estados Unidos	Estudo Transversal	162 adultos jovens
Mazzoglio y Nabar *et al*. (2023) / Argentina	Estudo Transversal	945 alunos
McCabe *et al*. (2023) / Estados Unidos	Estudo de coorte	5.034 adultos jovens
Oliveira *et al*. (2023) / Brasil	Estudo Transversal	244 estudantes
Adasme *et al*. (2024) / Chile	Estudo não experimental	304 estudantes universitários
Moreira *et al*. (2024) / Brasil	Estudo Transversal	389 estudantes universitários
Farinha *et al*. (2025) / Brasil	Estudo Transversal	1.169 estudantes universitários
Mendes *et al*. (2025) / Brasil	Estudo transversal	88 estudantes.
Pasman *et al*. (2025) / Estados Unidos	Estudo de coorte	66.082 adultos jovens
Bushnell *et al*. (2026) / Estados Unidos	Estudo transversal	Variou de 5,7 milhões de matriculados (em 2001) a 16,1 milhões (em 2020)

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

O quadro 2 apresenta a síntese dos fatores associados e principais impactos à saúde associados ao uso indiscriminado de psicoestimulantes entre adultos jovens nos estudos incluídos.

Quadro 2 – Síntese dos fatores associados e principais impactos à saúde associados ao uso indiscriminado de psicoestimulantes entre adultos jovens nos estudos incluídos.

Autores (ano)/ País	Psicoestimulante	Fatores associados ao consumo	Principais impactos
Pawson; Kelly (2022) / Estados Unidos	Adderall e Vyvanse	O uso é induzido pela vontade de contrabalançar os efeitos do álcool, manter a funcionalidade, evitar o estigma do excesso e prolongar a permanência na vida noturna.	O uso indevido do estimulante mascarou sintomas depressores do álcool, propiciando a manutenção intencional da embriaguez prolongada e o aumento na quantidade e capacidade de consumo de álcool.
Mazzoglio y Nabar *et al*. (2023) / Argentina	Cafeína, energizantes, modafinil e ácido acetilsalicílico.	A quantidade de horas trabalhadas foi proporcional ao número de psicoestimulantes usados, com íntima correlação com o modafinil. Houve correlação indiretamente proporcional entre horas de sono relatadas e a quantidade de psicoativos consumidos.	A quantidade de substâncias psicoestimulantes utilizadas levou à redução direta e intencional das horas de sono, o que gerou, uma alta prevalência no uso compensatório de medicações ansiolíticas benzodiazepínicas para induzir o sono nos estudantes.
McCabe *et al*. (2023) / Estados Unidos	Cocaína e Metanfetamina.	O abuso de estimulantes na adolescência previu o uso incidente de cocaína/metanfetamina na fase adulta. O uso de 1 a 2 vezes e o uso regular ≥ 10 vezes aumentaram significativamente a chance de consumo futuro.	O abuso de estimulantes prescritos na adolescência elevou diretamente as chances de transição para o uso de estimulantes ilícitos: 34,1% dos jovens que abusaram de estimulantes prescritos ≥ 10 vezes relataram uso incidente de cocaína ou metanfetamina na fase de adultos jovens.
Oliveira *et al*. (2023) / Brasil	Cafeína, energéticos e metilfenidato.	Os usuários relataram melhora na concentração (21,5%), redução do sono (18,5%) e melhora do raciocínio (17,9%). 28% relataram dormir menos de 6 horas por dia e 20,6% dedicavam entre 41 a 60 horas semanais aos estudos.	O uso de psicoestimulantes resultou em privação de sono e piora na qualidade do descanso, forçando 10,1% a utilizarem medicações adicionais para induzir o sono. Além disso, 51% associaram o estimulante ao consumo de álcool.
Adasme *et al*. (2024) / Chile	Modafinila, Anfetaminas, Cocaína, Benzodiazepinas e Outras drogas sintéticas.	A idade de início concentrou-se entre 21-25 anos (51,4%) e 16-20 anos (32,9%). Indivíduos que consumiam cannabis possuíam 7,9 vezes mais chance de provar outras drogas psicoestimulantes (OR = 7,9).	Foram relatados o envolvimento em brigas/agressões físicas (0,7%) e perda de objetos valiosos ou problemas com a polícia (0,3%). Somente 17,14% relataram muita preocupação com os efeitos nocivos à saúde.

Moreira *et al*. (2024) / Brasil	Metilfenidato, lisdexanfetamina e dextroanfetamina/ anfetamina.	O principal objetivo foi o incremento de desempenho (75%), focando o uso na semana de provas (33,9%) e no dia da avaliação (14,5%). A maioria (75,8%) acreditava que seu rendimento seria pior sem o uso da droga.	Inapetência (68%), taquicardia (58%), insônia (51%), boca seca (51%), agitação (50%), tiques motores (25%), uso concomitante de álcool/drogas (77%) e queixas mentais como ansiedade/depressão (71%).
Farinha *et al*. (2025) / Brasil	Cocaína e Anfetaminas/ecstasy.	Houve correlação estatística significativa apontando que escores menores de prática de atividade física habitual preveem um maior risco de consumo recente de cocaína (β = -0,099, p = 0,001).	O uso recente de psicoestimulantes gerou um impacto comportamental negativo no estilo de vida, sendo estatisticamente correlacionado à diminuição drástica da prática de atividades físicas habituais
Mendes *et al*. (2025) / Brasil	Metilfenidato, lisdexanfetamina, cafeína, guaraná em pó, multivitaminas e sertralina.	O uso esteve associado a estudantes de maior faixa etária (p = 0,002), bolsistas advindos de escolas particulares (57,1%, p = 0,031) e estudantes com mais de 3 tentativas prévias de aprovação no vestibular (55%, p = 0,003).	A maioria dos usuários (52%) fazia o consumo das substâncias sem prescrição médica e 64% não possuíam qualquer diagnóstico clínico formal.
Pasman *et al*. (2025) / Estados Unidos	Uso não médico de estimulantes prescritos e Cocaína.	O uso indevido elevou progressivamente o risco futuro com o padrão experimental (1-2 vezes: AOR = 1,31), ocasional (3-9 vezes: AOR = 1,63) e regular ($\geq$ 10 vezes: AOR = 2,03). O consumo reportado restritamente no último mês indicou a maior chance de transição (AOR = 2,11).	Houve uma incidência de 4,2% de uso de cocaína reportado no ano da fase de acompanhamento destes jovens adultos.
Bushnell *et al*. (2026) / Estados Unidos	Anfetamina, dextroanfetamina, dexmetilfenidato, lisdexanfetamina, metanfetamina, metilfenidato e Cocaína.	O transtorno por uso de estimulantes apresentou-se de 2 a 4 vezes mais comum em jovens que já detinham prescrição de estimulantes ou diagnóstico prévio de TDAH.	A maioria dos diagnosticados apresentou transtornos de saúde mental paralelos (68% a 82%) e transtornos por uso de outras substâncias (72% a 78%), destacando-se o abuso de cannabis (até 56%) e opioides (até 48,7%).

Fonte: Dados da pesquisa, 2026.

Os estudos incluídos nesta revisão integrativa evidenciam que o uso não terapêutico de psicoestimulantes entre adultos jovens constitui um fenômeno multifatorial, impulsionado por demandas acadêmicas, fatores psicossociais e comportamentos de risco. Embora conduzidas

em diferentes contextos geográficos, abrangendo Brasil, Estados Unidos, Argentina e Chile, e contemplando desde coortes norte-americanas iniciadas em 1976 até estudos transversais realizados entre 2021 e 2025, as pesquisas apresentaram elevada convergência quanto aos determinantes do consumo e às suas repercussões clínicas, comportamentais e sociais.

No Brasil, os estudos concentraram-se em instituições de ensino superior e cursos preparatórios, enquanto as pesquisas internacionais incluíram estudantes da Argentina, Chile e Estados Unidos. De forma consistente, o consumo de psicoestimulantes foi motivado principalmente pela busca de melhor desempenho acadêmico, maior tempo de estudo, redução da fadiga e manutenção da vigília, sobretudo entre estudantes de Medicina e outros cursos competitivos. As substâncias mais utilizadas foram metilfenidato, lisdexanfetamina, modafinil, anfetaminas, cafeína e bebidas energéticas.

Os fatores associados ao consumo indiscriminado estiveram relacionados, principalmente, à sobrecarga da rotina e à busca por melhor desempenho acadêmico, maior tempo de estudo, redução da fadiga e manutenção do estado de vigília, especialmente entre estudantes de Medicina e outros cursos de elevada exigência acadêmica. Também se destacaram a alta carga horária de trabalho, o histórico de múltiplas tentativas de ingresso no ensino superior e o uso prévio de substâncias psicoativas, evidenciando a influência de fatores acadêmicos, ocupacionais e comportamentais nesse padrão de consumo.

Em relação às repercussões à saúde, os principais efeitos identificados incluíram inapetência, taquicardia, agitação psicomotora, ansiedade e sintomas depressivos. A privação e a piora da qualidade do sono também estiveram associadas ao uso compensatório de benzodiazepínicos e medicamentos indutores do sono, utilizados na tentativa de reduzir o estado de hiperalerta provocado pelos estimulantes. Além disso, observou-se associação entre o consumo dessas substâncias e a redução da prática habitual de atividades físicas, bem como sua possível relação com maior risco de uso de drogas ilícitas na vida adulta.

Nesse contexto, Oliveira et al. (2023), Moreira et al. (2024), Mendes et al. (2025), Mazzoglio y Nabar et al. (2023) e Adasme et al. (2024) evidenciaram que a expectativa de melhora do rendimento acadêmico permaneceu como o principal fator motivador para o consumo, mesmo entre indivíduos sem diagnóstico de Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) ou qualquer outra indicação clínica para o uso dessas substâncias. Além disso, parte dos estudos destacou que muitos estudantes iniciavam o consumo nos primeiros anos da graduação ou durante a preparação para o vestibular, períodos marcados por maior vulnerabilidade emocional e necessidade de adaptação às exigências acadêmicas.

Esses achados reforçam que o consumo de psicoestimulantes está mais relacionado à cultura contemporânea de maximização do desempenho do que à presença de uma condição clínica, evidenciando um processo crescente de medicalização das demandas educacionais.

Em consonância com esses resultados, observou-se que o uso não terapêutico de psicoestimulantes é influenciado por múltiplos fatores. Mazzoglio y Nabar et al. (2023) destacaram a privação do sono e a atividade laboral como importantes determinantes, enquanto Moreira et al. (2024), Oliveira et al. (2023) e Mendes et al. (2025) enfatizaram a pressão acadêmica. Por sua vez, Adasme et al. (2024) e Pawson e Kelly (2022) ressaltaram que a facilidade de acesso aos medicamentos, a influência dos pares e a baixa percepção dos riscos favorecem a continuidade desse comportamento.

Na Argentina, Mazzoglio y Nabar et al. (2023) identificaram uma relação inversamente proporcional entre o número de horas de sono e a quantidade de substâncias consumidas, além de evidenciarem maior prevalência de uso entre estudantes trabalhadores e recursantes, indicando que a sobrecarga acadêmica e ocupacional favorece estratégias farmacológicas de compensação. Os autores também descreveram crescimento progressivo do policonsumo ao longo das coortes analisadas, incluindo a associação entre estimulantes e benzodiazepínicos, estabelecendo um ciclo caracterizado por vigília prolongada durante o dia e indução farmacológica do sono no período noturno.

De forma semelhante, Mendes et al. (2025) observaram maior frequência de consumo entre estudantes mais velhos, bolsistas de escolas particulares e indivíduos submetidos a sucessivas tentativas de ingresso no curso de Medicina, sugerindo que o desgaste emocional e a competitividade prolongada favorecem a utilização recorrente dessas substâncias. No Chile, Adasme et al. (2024) acrescentaram que a baixa percepção dos riscos, associada à facilidade de obtenção dos medicamentos e à elevada carga horária dos cursos médicos, contribui para a banalização desse comportamento, favorecendo sua continuidade mesmo diante de consequências negativas para a saúde.

Apesar da predominância de estudos desenvolvidos em ambiente universitário, observou-se uma divergência relevante quanto ao contexto de utilização dos psicoestimulantes. Enquanto as pesquisas conduzidas no Brasil, Argentina e Chile concentraram-se predominantemente no uso dessas substâncias para fins de neuroaprimoramento acadêmico, Pawson e Kelly (2022) demonstraram que, entre adultos jovens norte-americanos, o consumo de Adderall® e Vyvanse® esteve fortemente relacionado às dinâmicas da vida noturna.

Nesse contexto, os medicamentos eram utilizados para mascarar os sinais de embriaguez, prolongar o consumo de álcool e favorecer a permanência em eventos sociais, prática impulsionada pela influência dos pares, pelo compartilhamento de medicamentos prescritos e pela busca por preservar o denominado capital relacional. Esses achados evidenciam que o consumo de psicoestimulantes extrapola a busca por desempenho acadêmico, configurando também uma estratégia de regulação das relações sociais e ampliando o processo de medicalização para além do ambiente universitário (Pawson; Kelly, 2022).

Outro aspecto amplamente convergente entre os estudos foi a elevada frequência de policonsumo de substâncias psicoativas. Em praticamente todas as investigações, os psicoestimulantes foram utilizados concomitantemente com álcool, cannabis, tabaco, benzodiazepínicos ou outras drogas ilícitas, indicando que seu consumo raramente ocorre de forma isolada.

Oliveira et al. (2023) identificaram associação expressiva entre o consumo de estimulantes, bebidas alcoólicas, tabaco e medicamentos indutores do sono. De maneira semelhante, Moreira et al. (2024) verificaram que aproximadamente três quartos dos usuários consumiam álcool ou outras drogas simultaneamente, enquanto Adasme et al. (2024) observaram que estudantes consumidores de cannabis apresentavam probabilidade quase oito vezes maior de experimentar outros psicoestimulantes.

No estudo de Pawson e Kelly (2022), verificou-se que a associação entre estimulantes e álcool mascarava os sinais de intoxicação alcoólica, favorecendo episódios prolongados de binge drinking, maior consumo de bebidas alcoólicas e falsa percepção de controle sobre a embriaguez. Em conjunto, essas evidências sugerem que o policonsumo potencializa os riscos relacionados ao uso de psicoestimulantes, ampliando a vulnerabilidade a desfechos clínicos e comportamentais adversos.

Os impactos à saúde apresentaram elevada consistência entre as investigações. Alterações cardiovasculares, redução do apetite, insônia, ansiedade, taquicardia, xerostomia e comprometimento da qualidade do sono figuraram entre os eventos adversos mais frequentemente relatados. As evidências reunidas indicam que o uso não terapêutico de psicoestimulantes está associado a importantes repercussões físicas e neuropsiquiátricas, especialmente quando relacionado à automedicação e ao consumo concomitante de outras substâncias psicoativas (Oliveira et al., 2023; Moreira et al., 2024; Mendes et al., 2025; Adasme et al., 2024).

Nesse cenário, Moreira et al. (2024) relataram episódios de síncope, comportamento agressivo, tiques motores, sintomas psicóticos e comportamento suicida em parte dos usuários, ressaltando que muitos apresentavam transtornos psiquiátricos prévios ou histórico familiar de doenças mentais, condições capazes de potencializar os riscos decorrentes da exposição aos estimulantes.

Corroborando esses achados, Oliveira et al. (2023) identificaram elevada frequência de ansiedade, nervosismo, cefaleia, palpitações e alterações do padrão do sono entre os consumidores. Em conjunto, esses resultados reforçam que os efeitos adversos extrapolam as manifestações cardiovasculares, abrangendo também importantes repercussões sobre a saúde mental e o funcionamento psicocomportamental.

Sob a perspectiva cognitiva, Mazzoglio y Nabar et al. (2023) demonstraram que, embora os usuários relatem melhora imediata da atenção e da concentração, o uso prolongado de psicoestimulantes compromete a consolidação da memória, reduz a qualidade da aprendizagem e favorece um ciclo contínuo de privação do sono, sofrimento psicológico e dependência comportamental. Esses achados convergem com os resultados de Mendes et al. (2025), que destacaram a inexistência de evidências robustas capazes de demonstrar benefícios cognitivos sustentados em indivíduos saudáveis.

Dessa forma, a percepção subjetiva de melhora do desempenho acadêmico parece estar mais relacionada ao aumento do estado de alerta e da motivação do que a ganhos objetivos em memória, aprendizagem ou funções executivas. Essa discrepância entre os benefícios percebidos pelos usuários e as evidências científicas disponíveis reforça que o consumo dessas substâncias é frequentemente sustentado por expectativas superestimadas de desempenho, e não por efeitos cognitivos comprovados.

Os estudos longitudinais norte-americanos ampliam essa discussão ao demonstrar que as consequências do uso não terapêutico de psicoestimulantes extrapolam o desempenho acadêmico. Com base nos dados do estudo Monitoring the Future, McCabe et al. (2023) e Pasman et al. (2025) evidenciaram que o uso não médico de estimulantes prescritos na adolescência prediz o consumo de cocaína e metanfetamina na vida adulta jovem, em uma relação dose-resposta, na qual maior frequência e recência do consumo aumentam o risco de progressão para drogas ilícitas.

Em contrapartida, ambos os estudos demonstraram que o tratamento farmacológico supervisionado do TDAH não aumentou o risco de consumo futuro dessas substâncias, indicando que a progressão para drogas ilícitas está relacionada ao uso não médico, e não ao tratamento realizado sob acompanhamento clínico. Esse achado reforça a importância de

distinguir o uso terapêutico do uso recreativo ou voltado ao neuroaprimoramento, evitando interpretações equivocadas que possam estigmatizar pacientes em tratamento (McCabe et al., 2023; Pasman et al., 2025).

Sob a perspectiva epidemiológica, Bushnell et al. (2026) complementaram essas evidências ao demonstrarem crescimento expressivo dos diagnósticos de transtorno por uso de estimulantes entre adultos jovens norte-americanos no período de 2001 a 2020, especialmente relacionados aos psicoestimulantes não derivados da cocaína. Os autores também identificaram elevada frequência de comorbidades psiquiátricas, incluindo ansiedade, depressão e TDAH, além de expressiva coexistência com outros transtornos por uso de substâncias, particularmente envolvendo cannabis, opioides e álcool.

Outro aspecto relevante destacado por Bushnell et al. (2026) foi a associação entre o aumento dos diagnósticos de transtorno por uso de estimulantes e o crescimento das overdoses envolvendo essas substâncias nos Estados Unidos, sobretudo quando associadas ao consumo de opioides sintéticos. Esse cenário evidencia que as repercussões do consumo extrapolam os efeitos individuais e representam um desafio crescente para os sistemas de saúde, especialmente em razão da elevada carga de comorbidades psiquiátricas e da complexidade clínica desses pacientes.

Em conjunto, essas evidências corroboram a compreensão de que o uso não terapêutico de psicoestimulantes extrapola o ambiente universitário e configura um relevante problema de saúde pública, associado a múltiplas vulnerabilidades clínicas, psiquiátricas e sociais, além de crescente demanda por serviços especializados em saúde mental e tratamento da dependência química.

Em síntese, as evidências desta revisão integrativa indicam que o uso não terapêutico de psicoestimulantes entre adultos jovens é influenciado por fatores acadêmicos, sociais, psicológicos e culturais. Apesar das diferenças metodológicas, os estudos convergiram quanto às motivações para o consumo, à automedicação, ao policonsumo de substâncias e aos impactos negativos sobre a saúde. As principais divergências referem-se ao contexto de uso, predominando o neuroaprimoramento acadêmico nos estudos latino-americanos e o uso recreativo associado à vida noturna no estudo de Pawson e Kelly (2022).

Embora os resultados apresentem importante convergência, é necessário considerar algumas limitações das evidências disponíveis. A maioria dos estudos incluídos adotou delineamento transversal e baseou-se em informações autorreferidas, características que limitam o estabelecimento de relações causais e tornam os resultados suscetíveis a vieses de memória e de subnotificação. Além disso, a predominância de pesquisas realizadas com

estudantes universitários restringe a generalização dos achados para outros grupos de adultos jovens, evidenciando a necessidade de investigações longitudinais e de estudos envolvendo diferentes contextos socioculturais.

Diante dessas evidências, observa-se consenso quanto à necessidade de estratégias preventivas voltadas à educação em saúde, ao uso racional de medicamentos e ao rastreamento precoce do consumo. Entretanto, os estudos indicam que ações exclusivamente educativas são insuficientes, uma vez que esse comportamento é influenciado por fatores acadêmicos, sociais, culturais e psicológicos. Assim, seu enfrentamento requer estratégias multidimensionais que integrem educação em saúde, assistência em saúde mental, controle da dispensação de medicamentos e políticas institucionais voltadas à redução da pressão por desempenho.

Por fim, os resultados desta revisão reforçam a necessidade de que instituições de ensino, profissionais de saúde e formuladores de políticas públicas atuem de forma integrada na prevenção do uso não médico de psicoestimulantes. O desenvolvimento de ações intersetoriais, associado ao fortalecimento de estratégias de promoção da saúde mental e de acompanhamento dos estudantes e adultos jovens em situação de vulnerabilidade, mostra-se essencial para reduzir os impactos individuais e coletivos decorrentes desse fenômeno e contribuir para o uso mais seguro e racional dessas substâncias.

Conclusão

A presente revisão integrativa evidenciou que o uso indiscriminado de psicoestimulantes entre adultos jovens é um fenômeno multifatorial, influenciado principalmente pela busca por melhor desempenho acadêmico, pressão por produtividade e fatores psicossociais. Os estudos demonstraram que esse consumo, frequentemente realizado sem indicação clínica, está associado à automedicação, ao policonsumo de substâncias e a importantes repercussões físicas, cognitivas e neuropsiquiátricas, incluindo alterações cardiovasculares, distúrbios do sono, ansiedade e maior risco de progressão para o uso de drogas ilícitas.

Os achados reforçam que o uso indiscriminado de psicoestimulantes constitui um relevante problema de saúde pública, evidenciando a necessidade de estratégias voltadas à educação em saúde, ao uso racional de medicamentos, ao fortalecimento da assistência em saúde mental e ao controle da dispensação dessas substâncias entre adultos jovens.

Como limitações, destacam-se a predominância de estudos observacionais e a heterogeneidade metodológica das pesquisas incluídas. Dessa forma, recomenda-se a realização de estudos longitudinais e de intervenção que ampliem a compreensão desse fenômeno e subsidiem o desenvolvimento de políticas e estratégias preventivas mais efetivas.

Referências

ADASME, A. *et al*. Consumo de Alcohol, Cannabis y Psicoestimulantes en estudiantes de medicina en dos universidades del norte de Chile. **J. health med. sci**., v. 10, n. 2, p. 1-11, 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013**. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 151, p. 1-4, 6 ago. 2013.

BRAZ, S. D. *et al*. Uso de psicoestimulantes na vida acadêmica: uma revisão integrativa. **Brazilian Journal of Health Review**. v. 5, n. 1, p. 3819-3827, 2022.

BUSHNELL, G. *et al*. Stimulant Use Disorder Diagnoses in Adolescent and Young Adult Medicaid Enrollees. **JAMA Psychiatry**, v. 83, n. 2, p. 196-201, 2026.

FARINHA, M. G. *et al*. Prática de Atividade Física e Uso de Substâncias Psicoativas em Estudantes Universitários. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 35, p. e3502, 2025.

GRANDO, C. F. *et al*. Uso de substâncias psicoestimulantes entre estudantes de medicina no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista FT Ciências da Saúde Medicina**. v. 27, ed. 124, jul. 2023.

HAN, B. *et al*. Uso, abuso e transtorno por uso de estimulantes prescritos entre adultos americanos de 18 a 64 anos. **JAMA Psychiatry**. v. 82, n. 6, p. 572-581, 2025.

HANDELMAN, K.; SUMIYA, F. Tolerance to stimulant medication for ADHD. **Brain Sciences**, v. 12, n. 8, p. 959, 2022.

LIMA, T. N.; SOUSA, M. N. A. Uso abusivo de psicotrópicos e fatores associados com a má utilização na atenção primária à saúde. **ID on line Revista Psicologia**. v. 15, n. 54, p. 92-103, 2021.

LONDON, E. D. The mesocorticolimbic system in stimulant use disorder. **Molecular Psychiatry**. 2025. Disponível em: https://www.nature.com/articles/s41380-025-03148-0. Acesso em: 6 mar. 2026.

MAZZOGLIO Y NABAR, M. *et al*. Sustancias psicoactivas, alumnos de Anatomía y prepandemia COVID-19: prevalencia de uso y comparación de estudios transversales del periodo 2011-2019. **Int. J. Morphol**., v. 41, n. 2, p. 482-490, 2023.

MCCABE, S. E. *et al*. Cocaine or Methamphetamine Use During Young Adulthood Following Stimulant Use for Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder During Adolescence. **JAMA Network Open**, v. 6, n. 7, p. e2322650, 2023.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. de C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008.

MENDES, T. C. *et al*. Uso de substâncias para melhorar o desempenho acadêmico entre estudantes de curso preparatório: estudo transversal. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 49, n. 3, p. e093, 2025.

MEZACASA JÚNIOR, R. C.; MENDES, R. A.; PIMENTA, M. D. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: resultados de um estudo de painel. **Scientia Medica**. v. 31, n. 1, 2021.

MOREIRA, J. E. *et al*. Adverse events and safety concerns among university students who misused stimulants to increase academic performance. **Einstein (Sao Paulo)**. v. 22, p. 1-12, 2024.

OLIVEIRA, F. S. *et al*. Consumo de psicoestimulantes por estudantes de medicina em um centro universitário privado. **Rev. Cient. Esc. Estadual Saúde Pública Goiás "Cândido Santiago"**, v. 9, n. 9f7, p. 1-15, 2023.

PAGE, M. J. *et al*. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 31, n. 2, p. e2022107, 2022.

PARLATINI, V. *et al*. From neurons to brain networks: pharmacodynamics of stimulant medication for ADHD. **Neuroscience and Biobehavioral Reviews**. v. 164, 2024.

PASMAN, E. *et al*. Longitudinal associations between frequency and recency of nonmedical prescription stimulant use in adolescence and cocaine use in young adulthood. **Drug and Alcohol Dependence**, v. 274, p. 112760, 2025.

PAWSON, M.; KELLY, B. C. Balancing consumption and constraint: Binge drinking, stimulant misuse, and relational capital among young adults. **Social Science & Medicine**, v. 309, p. 115244, 2022.

SILVA, L. S.; CALDEIRA, T. O uso de psicoestimulantes do tipo metilfenidato entre acadêmicos de uma instituição superior de ensino de Minas Gerais. **Revista de Medicina e Saúde Brasília**. v. 9, n. 2, p. 234-261, 2020.

SZABADI, E. Functional neuroanatomy of dopaminergic arousal systems. **Frontiers in Neuroanatomy**. 2025. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnana.2025.1670564. Acesso em: 6 mar. 2026.

VASCONCELOS, J. L. M.; SOUZA, A. R.; PEREIRA, C. D. Impactos na saúde associados ao uso de psicoestimulantes: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**. v. 5, n. 5, p. 5360-369, 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Adolescent and young adult health**. 2024. Disponível em: https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescents-health-risks-and-solutions.